

"A psychiatric dialogue on the mind-body problem"

Kenneth S. Kendler, M.D.

*American Journal of Psychiatry* – vol. 158, July 2001, p. 989-1000

Resenhado por: Marcos Romano Bicalho

## Um diálogo psiquiátrico sobre o problema mente-corpo

Este é um artigo que recoloca para a psiquiatria a relevância do pensar sobre as relações mente e corpo. Justifica o autor, na introdução, que as teorias etiológicas dos transtornos psiquiátricos ora baseiam-se no orgânico ou biológico, ora no funcional ou psicológico. Este movimento pendular na história da psiquiatria torna-a legítima herdeira do jogo de forças descritivas inerentes ao assim chamado problema mente-corpo. K.S. Kendler reconhece que há anos uma revisão do assunto não é publicada em uma revista psiquiátrica anglófona, o que revela o distanciamento filosófico do discurso psiquiátrico moderno. Assim, Kendler propõe-se a oferecer uma revisão, sob a perspectiva psiquiátrica, das principais teorias que cuidam do problema mente-corpo, o que interpreto como um estímulo aos colegas a tomar um tempinho para a reflexão destas idéias que vêm ao encontro de um outro problema que a psiquiatria enfrenta, qual seja, o de definir seu objeto.

Nesta resenha não exporei as teorias analisadas por Kendler dado o reduzido espaço. Sugiro que o leitor não familiarizado com o jargão filosófico não hesite em tentar essa leitura, pois o autor cumpre sua proposta de fazer apenas uma introdução. Sua clareza de estilo e didática permitem o acesso até ao cidadão leigo interessado em pensar a respeito das possíveis relações entre mente e corpo.

Kendler fez uma opção feliz para apresentar um conteúdo que, por vezes, pode ser árido, escolhendo construir o texto sob a forma de um diálogo. A escolha não é fortuita. Trata-se de simbolizar uma possível saída para acomodar as inúmeras e infundáveis querelas acerca do assunto. Somente um diálogo franco, aberto e amigável parece oferecer condições ao leitor de poder simultaneamente sentir as forças e as fraquezas de cada proposta teórica, sendo, portanto, uma ótima forma de introduzir o problema.

As personagens são Doug, Mary, Francine e o professor. Os três primeiros são residentes de psiquiatria, sendo cada um simpatizante de uma teoria importante sobre o problema mente-corpo, isto é, o dualismo, o materialismo e o funcionalismo, respectivamente. O professor é um psiquiatra assistente com boas noções de filosofia que faz a moderação do diálogo.

A trama de perguntas e respostas é instigante; a forma é bem articulada. As falas sucintas não comprometem o conteúdo. Como os participantes do diálogo tentam sustentar seus próprios pontos de vista, o questionamento entre si leva as personagens a repensar suas certezas.

Doug, defendendo o dualismo (tese que propõe uma diferença fundamental entre mente e matéria), não pode negar os avanços das neurociências. Mary, materialista (estados mentais seriam iguais a estados cerebrais), tende a ver a psiquiatria como neurociência aplicada. Francine participa introduzindo a idéia de que os estados mentais são definidos e caracterizados por suas funções, uma alternativa ao materialismo reducionista e ao dualismo. O professor articula a seqüência das falas, com esclarecimentos, fundamentando seu discurso em diversos pensadores importantes como Descartes, Leibniz, Nagel, Searle entre outros. É interessante como as personagens vão vivenciando os limites de seus pensamentos, o que mostra uma argumentação lógica onde os contrapontos foram escolhidos cuidadosamente de modo que a seqüência de oposições não caísse no vazio. Vejo nesta lapidação precisa dos conceitos um ponto forte da revisão de Kendler.

Por outro lado, não posso furtar-me a comentar um aspecto sobre a herança do dualismo cartesiano o qual Kendler parece ignorar. Descartes realmente é o iniciador da doutrina moderna sobre a alma (mente). Todavia, a leitura tradicional de Descartes tem sido revista por diversos autores (Alanen, 1981; Kennington, 1972; Marques, 1993). De grande valor é a ponderação acerca dos escritos de Descartes interpretando-os não como pontes diretas para algumas teses problemáticas a respeito da natureza e o conhecimento da mente, geralmente associadas ao dualismo cartesiano.

No parágrafo 17 da *Meditação VI* onde é argumentada a distinção substancial, Descartes ponderou: "... embora talvez (ou, antes, certamente, como direi logo mais) eu tenha um corpo ao qual estou muito estreitamente conjugado..."

Lívio Teixeira (1990: 16) nos esclarece:

... Descartes, depois de ter feito a discriminação entre a substância pensante e a substância extensa – essencial no seu sistema para a fundamentação da sua física –, ao tratar do homem introduz a doutrina da união substancial da alma e do corpo, doutrina que a muitos pareceu estranha e mesmo sem coerência com as grandes linhas do pensamento do filósofo.

Descartes respondeu a objeções de Arnauld, Regius, princesa Elizabeth, Chanut entre outros. Nas suas cartas, em especial a Elizabeth da Boêmia, está a idéia de que ele estava preocupado essencialmente com o amálgama que somos. Haveria uma separabilidade das substâncias (nível metodológico) e não a separação ao nível ontológico. Posteriormente, nos *Princípios de filosofia* e no *Tratado das paixões da alma*, Descartes tratará desse tema, mostrando ter havido uma evolução de seu pensamento.

Não considerando isto, Kendler fica inserido no contexto de refutações que se arrastaram ao longo do tempo, imprimindo às discussões um vocabulário repleto de tentativas de relacionar “coisas distintas”, tais como mente e corpo. Este é o ponto fraco da revisão.

Não estaríamos diante de um pseudo-problema mente-corpo, ou seja, poderíamos prescindir a condição de relacionar causalmente mente e corpo, se partíssemos da idéia da separabilidade das substâncias enquanto método para conhecer o homem? Creio que seria interessante se Kendler tivesse adicionado esta perspectiva no diálogo. O fato é que os problemas que Descartes levantou ainda estão presentes, aguardando reflexões e descobertas complementares.

Kendler ainda arrola uma vasta bibliografia atualizada e alguns sites recomendados para quem quiser aprofundar-se nas discussões. Para aqueles que não dominam o inglês, ou tiverem dificuldade de acesso aos textos estrangeiros, recomendo o excelente livro de Teixeira, J.F. *Mente, cérebro & cognição*, Petrópolis: Vozes, 2000.

Por fim, o professor encerra o diálogo com seus pupilos: “I look forward to seeing you on rounds tomorrow. This was fun”. E é isto mesmo. Foi divertido pensar neste fascinante problema e a conversa continuará.

184

#### Referências bibliográficas

- ALANEN, L. Descartes's dualism and the philosophy of mind. *Revue de Metaphysique et de Morale*, v. 3, p. 391-413, 1981.
- KENNINGTON, R. The “Teaching of Nature” in Descartes' Soul Doctrine. *Review of Metaphysics*, v. 16, p. 86-117, 1972.
- MARQUES, J. *Descartes e sua concepção de homem*. São Paulo: Loyola, 1993.
- DESCARTES, R. *Meditações; objeções e respostas; cartas*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Jr. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- TEIXEIRA, L. *Ensaio sobre a Moral Descartes*. São Paulo: Brasiliense, 1990.